



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS -
LIP
PROFESSORA DOUTORA: ELOISA NASCIMENTO SILVA PILATI

Ensino de Classes de Palavras sob uma perspectiva da aprendizagem ativa

Illa Mary Pinheiro da Conceição

Brasília 2017

Illa Mary Pinheiro da Conceição

Ensino de Classes de Palavras sob uma perspectiva da aprendizagem ativa

Trabalho apresentado ao Departamento de Linguística,
Línguas Clássicas e Português (LIP), da Universidade de
Brasília, como projeto final de curso.

Orientadora: Professora Doutora Eloisa Nascimento Silva Pilati

Brasília 2017

RESUMO

A presente pesquisa busca promover uma reflexão sobre o estudo das classes de palavras, conteúdo obrigatório da grade curricular de Língua Portuguesa, que está presente nos anos iniciais da educação básica e perdura aos anos posteriores. É perceptível que este conteúdo perpassa aos alunos de maneira mecanizada, sendo apresentado nas gramáticas tradicionais e livros didáticos numa dada perspectiva que os critérios utilizados para caracterizar cada classe de palavra são, na maioria das vezes, critérios semânticos, esquecendo o aspecto funcional e mórfico das palavras. É possível empregar os três critérios mencionados juntamente numa atividade que parta da aprendizagem ativa.

Palavras-chave: classes de palavras, ensino de gramática, aprendizagem ativa.

Sumário

1. Introdução.....	4
2. Bechara (2015) e Cunha (2012).....	4
3. <i>360º Aprender e Praticar Gramática</i> (2016).....	8
4. Maria Aparecida Pinilla.....	11
5. Linguística, gramática e aprendizagem ativa.....	14
5.1 Princípios da metodologia da aprendizagem linguística ativa.....	16
6. Atividade aprendizagem ativa sobre classes de palavras.....	18
7. Considerações Finais.....	19
8. Referências Bibliográficas.....	20

1. Introdução

O presente trabalho pretende refletir sobre o ensino de classe de palavras nas aulas de língua portuguesa. Os livros didáticos e gramáticas tradicionais repetem a definição de cada classe, de forma puramente descritiva, não há um padrão determinado de quais critérios devem ser levados em conta na hora definir as classes de palavras. Os três critérios formulados por Mattoso Câmara são: critério semântico, funcional e formal, o que é notável em livros didáticos e gramáticas tradicionais é que o critério semântico está sendo priorizado, em detimentos dos outros, tal atitude demonstra que os alunos estão perdendo uma gama de conteúdo que seria útil para sua aprendizagem. Segundo Perini (1995), "classificar as palavras implica elaborar uma classificação sobre critérios formais (sem excluir da descrição a classificação semântica, mas separando-se nitidamente dela)". Declara que "é necessário classificar as palavras quanto a seus traços formais, isto é, quanto ao seu comportamento sintático e morfológico; e também é necessário classificá-las quanto a seus traços de significado".

O modo como as classes de palavras e grande parte do conteúdo de língua portuguesa estão sendo apresentados aos estudantes é de uma forma arraigada em modelos tradicionais, o que leva aos alunos a uma simples memorização, sem ter em mente para que estão aprendendo aquilo. É necessário, portanto, que o professor, no trabalho com o ensino da língua, tenha clareza da diferença entre uma perspectiva que leva apenas a uma "decoreba" e uma perspectiva pautada na aprendizagem ativa, onde o aluno de fato, aprende.

O trabalho está dividido entre comparação entre as gramáticas tradicionais de Cunha e Bechara e um livro didático *360º Praticar para Aprender*, explicitando o que cada um aborda no momento de classificar as classes de palavras. Em seguida, baseado nos princípios da aprendizagem ativa irei propor uma atividade sobre classe de palavras que integre a aprendizagem ativa com os critérios semântico, funcional e formal.

2. Bechara (2015) e Cunha (2012)

Analisarei como Bechara (2015) e Cunha (2012) definem as classes de palavras em suas gramáticas.

Cintra (2012, p.107) define o substantivo como "a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral. [...] Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que

serve, principalmente, de núcleo do sujeito, objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva”.

O autor considera não só o aspecto semântico em sua definição, leva em conta o aspecto funcional do substantivo como classe e delimita a função que o substantivo exerce no sintagma, como elemento essencial dentro de seu conceito.

Bechara afirma que:

É a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos de objetos substantivos, isto é, em primeiro lugar, substâncias (homem, casa, livro) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (bondade, brancura), estado (saúde, doença), processos chegada, entrega, anúncio). (BECHARA 2015, p.118)

O gramático, nesse caso, optou apenas por considerar o aspecto semântico, já que menciona o significado e o que pode ser considerado como substantivo (qualidade, estado, processos, substâncias).

Celso Cunha (2012, p.139) “adjetivo é essencialmente um marcador de substantivo”.

Bechara classifica como:

a classe de lexema que se caracteriza por constituir a delimitação, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientado delimitativamente a referência a uma parte ou a um aspecto do denotado. (BECHARA 2015, p. 149)

Diferentemente de Cunha, que utilizou unicamente o critério semântico, Bechara apresenta a função que o vocábulo exerce no sintagma, que é a de restringir, caracterizar o substantivo.

Para Cunha (2012, p. 134) “dá-se o nome de artigo às palavras O (com variações os, a, os, as) e UM (com variações uma, uns, uma, umas), que se antepõem ao substantivo”.

Bechara declara:

Chamam-se artigo definido ou simplesmente artigo **o,a,os,as** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico, demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos. A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de um,uns, uma,umas, chamados artigos indefinidos, que se assemelham a **o,a,os,as** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento, no discurso, valor semântico e papéis gramaticais. (BECHARA 2015, p. 160)

Em relação ao artigo, os autores o definem a partir do mesmo critério funcional, na medida em que consideram sua relação de anteporem ao substantivo e função de adjunto.

Cunha afirma que

os pronomes desempenham nas orações as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais. Servem para representar um substantivo (pronomes

substantivos), e para acompanhar um substantivo, determinando-lhe a extensão do significado (pronomes adjetivos) (CUNHA 2012, p.161).

É notável a consideração do critério funcional nesse caso, quando declara que os pronomes exercem as mesmas funções que elementos nominais, e sua função de representar ou acompanhar os substantivos. O critério semântico também é percebido quando declara que os pronomes determinam a extensão do significado.

Para Bechara:

É a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em um núcleo limitado e que se refere a um significado léxico pela significação ou por outras palavras do contexto. De modo geral, esta referência é feita a um objeto considerando-o apenas como pessoa localizada no discurso. Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam dêixis (“o apontar para”), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis ad oculus, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será anafórica se aponta para um elemento já anunciado ou concebido, ou catafórica, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso. Os pronomes podem apresentar-se como absolutos – capazes de funcionar como núcleo de um sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como adjuntos do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais. (BECHARA, 2015, p.169)

O gramático privilegiou o aspecto semântico em sua definição fazendo referência a indicação da dêixis, apresenta o critério funcional também, mencionando sua habilidade de funcionar como núcleo de um sintagma nominal ou adjuntos do núcleo.

Celso Cunha (2012, p.211) afirma “para indicarmos uma quantidade exata de pessoas ou coisas, ou para assinalarmos o lugar que elas ocupam em determinada série, empregamos uma classe especial de palavras”. Nesse caso, o autor levou em conta apenas o critério semântico. Por Bechara (2015, p.211), ele é classificado como “palavra de função qualificadora que denota valor definido”. Dessa forma, leva em consideração, o critério funcional, apontando o caráter qualificatório dos numerais, e depois, o semântico, porque aponta uma quantidade.

Para Cunha (2012, p.220), o verbo “é uma palavra de forma variável que exprime ‘o que se passa’, ou seja, um acontecimento representado no tempo. Na oração, exerce função obrigatória de predicado”. O autor considera o critério mórfico, no momento que aponta verbo como forma variável; o semântico, quando expressa seu significado e sintático, ressaltando a função de predicado na oração. Bechara (2015, p.222) afirma que “entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”. O critério semântico é emprego para classificar os verbos, já

que os vocábulos categoremáticos são aqueles que designam coisas, possuem significados próprios.

Cunha (2012, p.312) afirma que o advérbio “é a palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio”. Essa definição é apenas funcional para sua classificação.

Já Bechara contempla o advérbio como:

A expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condições, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial. O advérbio é constituído de uma palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, pode se referir a um adjetivo e a um advérbio (BECHARA, 2015, p.232).

O critério semântico foi o primeiro a ser descrito na definição de Bechara, pois afirma que o advérbio denota alguma circunstância. O critério funcional é visto quando menciona o que os advérbios desempenham nas orações, a função de adjunto adverbial.

Sobre a preposição, a gramática de Celso Cunha (2012, p.321) classifica as preposições como “palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente ou termo regente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente ou termo regido)”. O critério mórfico é considerado quando afirma que são palavras invariáveis, já o aspecto funcional é visto quando declara que eles relacionam dois termos de uma oração, estabelecendo um sentido entre eles.

Bechara:

Chama-se preposição a unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações. Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical do termo que ela introduz (BECHARA, 2009, p.311).

O gramático para definir essa unidade linguística átona utiliza-se do critério funcional quando afirma que a preposição se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para delimitar suas relações gramaticais.

Celso Cunha (2012, p. 335), define as conjunções como “vocábulos formais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.” Bechara (2015, p.336) declara que essas palavras “têm por missão reunir orações num mesmo enunciado”. O critério utilizado pelos autores para classificar esses vocábulos foi o aspecto funcional.

3. 360º Aprender e Praticar Gramática (2016)

O ensino de língua portuguesa deve oferecer oportunidades de reflexão sobre as práticas de linguagem, para que tais conhecimentos contribuam para a construção da competência discursiva dos alunos, a fim de que estes possam usar os recursos linguísticos de modo proficiente. De acordo com os PCNs,

ainda que didaticamente seja necessário realizar recortes e descolamentos para melhor compreender o funcionamento da linguagem, é fato que a observação e análise de um aspecto demandam o exercício constante de articulação com os demais aspectos envolvidos no processo. Ao invés de organizar o ensino em unidades formatadas em texto, tópicos de gramática e redação, fechadas em si mesmas de maneira desarticulada, as atividades propostas no ambiente escolar devem considerar as especificidades de cada uma das práticas de linguagem em função da articulação que estabelecem entre si. (BRASIL, 1998, p. 36).

O ensino de língua portuguesa que foca apenas nos aspectos da gramática normativa precisa dar espaço para um modo que integre de forma prática a gramática com a realidade do aluno.

Os livros didáticos e gramáticas normativas ainda apresentam uma visão limitada do português, com conteúdos desconectados uns dos outros e expostos de formas mecanizadas que não levam a reflexão linguística.

O papel do professor diante do livro apresenta grande importância, de modo que será ele que determinará como será utilizado o material. O livro didático pode ser inovador, mas ainda há professores que fazem uso de estratégias tradicionais de ensino, com predomínio de aulas expositivas e desconexão entre as práticas da linguagem.

Luquetti e Moura (2010, p. 159) argumentam que, “a maior parte dos educadores ainda não concebe a diversidade e a diferença linguística; consequentemente, não possui a capacidade de análise para transformar a sua prática pedagógica”.

O livro a ser analisado é o *360º- Aprender e Praticar Gramática parte II*, de Mauro Ferreira, um dos objetivos apresentados na introdução é a busca para desenvolver a competência de reflexão e de uso prático da língua, sem deixar de sistematizar os conceitos teóricos.

A unidade dez introduz o estudo das classes gramaticais, e aponta que um dos objetivos da morfologia é “Determinar a classe grammatical da qual a palavra faz parte e estudar suas possíveis flexões, isto é, suas variações de forma”. (p. 25)

Na página 30, segue um quadro que lista todas as classes gramaticais, a finalidade básica e um exemplo de cada:

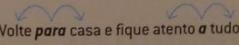
Classe gramatical	Finalidade básica nos enunciados	Exemplos
Substantivo	Nomear seres, coisas, lugares, conceitos etc.	O <i>mercador</i> vendia <i>alimentos, tecidos, calçados, remédios</i> e <i>bugigangas</i> .
Adjetivo	Caracterizar o substantivo	Uma <i>linda</i> lua iluminava o céu <i>noturno</i> .
Artigo	Anteceder o substantivo para indeterminá-lo ou determiná-lo	<i>Uma</i> linda lua iluminava <i>o</i> céu noturno.
Numeral	Indicar quantidade	Na caixa, havia <i>cinco</i> fotos e <i>duas</i> cartas.
Pronome	Substituir ou acompanhar o substantivo	Lucas, já <i>te</i> ajudei muito. (<i>te</i> → <i>Lucas</i>) Não quero <i>tua</i> opinião sobre <i>meus</i> amigos.
Verbo	Exprimir um acontecimento e situá-lo em diferentes momentos no tempo	A prefeitura <i>reformou</i> a velha ponte. <i>Conversaremos</i> novamente amanhã?
Advérbio	Indicar circunstâncias (<i>tempo, lugar</i> etc.) de ocorrência do fato verbal	<i>Agora</i> vivemos <i>tranquilamente aqui</i> . ↑ ↑ ↑ tempo modo lugar
Preposição	Ligar duas palavras	 Volte <i>para</i> casa e fique atento <i>a</i> tudo.
Conjunção	Ligar orações	O time jogou mal, <i>por isso</i> perdeu feio.
Interjeição	Exprimir emoções e sentimentos súbitos	<i>Ah!</i> Agora me lembrei do que ela disse!

Figura1: Quadro de classes gramaticais

Podemos notar que a finalidade básica mencionada no livro consiste em definições das classes de palavras pautadas, em sua maioria, no critério semântico. O artigo e o pronome conseguiram serem descritos através do critério funcional, o primeiro é colocado como o termo que antecede o substantivo e o segundo, como o termo que substitui ou acompanha o substantivo. A preposição e a conjunção também tiveram seu valor funcional reconhecido no ato de ligar palavras e orações, entretanto, foi o único critério utilizado para defini-las. Percebemos que em nenhuma das dez classes gramaticais expostas os três critérios conseguiram ser privilegiados juntos, o critério morfológico não foi contemplado em nenhuma das finalidades básicas.

A seguir, uma tabela que compara as definições de Bechara, Cunha e o livro didático.

Classe Gramatical	Bechara	Cunha	Livro Didático
Substantivo	Semântico	Semântico e funcional	Semântico
Adjetivo	Funcional	Semântico	Semântico
Artigo	Funcional	Funcional	Funcional
Numeral	Funcional e semântico	Semântico	Semântico
Pronome	Funcional e semântico	Semântico e funcional	Funcional
Verbo	Semântico	Formal, semântico e funcional	Semântico
Advérbio	Semântico e funcional	Funcional	Semântico
Preposição	Funcional	Mórfico e funcional	Funcional

Conjunção	Funcional	Funcional	Funcional
-----------	-----------	-----------	-----------

Analisando a tabela composta pelos gramáticos e o livro didático, podemos constatar que Bechara utilizou o critério semântico e funcional majoritariamente, Cunha aplicou todos os critérios, com maior ocorrência do critério funcional e o livro didático apresentou critérios semânticos e funcionais para determinar as classes de palavras. A falta da junção dos três critérios revela que as explicações nesses compêndios precisam ser repensadas, para definirmos uma classe de vocábulos, necessitamos usar além dos critérios semânticos, os funcionais, que definem o papel da palavra na oração em que ele ocorre e o critério mórfico ou formal, que assenta as características da estrutura do vocábulo. Os conceitos expostos sobre classe das palavras em gramáticas tradicionais e livros didáticos não são seguem um padrão e não aplicam os critérios corretamente, preferem priorizar o critério semântico, sujeito a grandes generalizações.

Veremos uma atividade do livro *360°- Aprender e Praticar Gramática parte II*, ele apresenta um trecho do livro *A ilustre casa de Ramires*, Eça de Queirós. As perguntas que seguem, após o texto literário, referem-se a substantivos e adjetivos, são feitos questionamentos sobre a posição do adjetivo e questões semânticas em relação aos substantivos e adjetivos na construção do texto.

7. Leia este trecho de romance, em que o narrador descreve duas irmãs, moradoras da cidadezinha de Oliveira:

[...] As duas manas Lousadas! Secas, escuras e gárrulas como cigarras, desde longos anos, em Oliveira, eram elas as esquadrinhadoras de todas as vidas, as espalhadoras de todas as maledicências, as tecedeiras de todas as intrigas. E na desditsa cidade não existia nódoa, pécha, bule rachado, coração dorido [...], vulto a uma esquina, bolo encomendado nas Matildes, que os seus olhinhos furantes de azeviche sujo não descortinassem – e que a solta língua, entre os dentes ralos, não comentasse com malícia estridente! [...]

Eça de Queirós, *A ilustre casa de Ramires*. São Paulo: Escala, 2005. p. ??.

VOCABULÁRIO

- gárrula – tagarela
- esquadrinhador – que sonda ou vigia
- pecha – defeito, falha
- azeviche – [fig.] de cor muito escura
- estridente – ruinoso, barulhento

a) A posição normal do adjetivo é depois do substantivo; no entanto, muitas vezes, para que sua força expressiva se intensifique, ele é anteposto ao substantivo. Transcreva do trecho os três casos em que o narrador faz uso desse recurso.

b) Na terceira frase do texto, há uma série de substantivos muito dispares, isto é, de campos semânticos muito diferentes entre si. Em sua opinião, o que o narrador pretendeu sugerir com essa sequência de nomes?

c) Transcreva os adjetivos que o narrador emprega para caracterizar as personagens ou aspectos relativos a elas. Depois, explique que efeito expressivo ele pretendeu obter ao empregá-los.

245

Figura 2: Atividade sobre substantivo e adjetivo

4. Maria Aparecida Pinilla

O livro *Ensino de Gramática: descrição e uso* de Silvia Figueiredo Brandão e Silvia Vieira é pautado no conhecimento teórico-científico e nos padrões linguísticos e socioculturais que se observam, hoje, no país. Maria Aparecida Pinilla, em seu *capítulo*, Classes de Palavras, ressalta a importância em examinar como o estudo das classes das palavras tem sido tratado nos conteúdos escolares. A autora observa que o estudo das classes é visto apenas como um conhecimento de nomenclatura, seu estudo pretende atrair novas reflexões sobre o tema.

Pinilla (2009, p.169 apud Neves, 1990, p.14) apresenta um quadro que determina a preferência dos professores diante dos conteúdos gramaticais. Observa-se que 39,7% dos professores preferem o estudo de classes de palavras e sintaxe. Isso demonstra que desde o Ensino Fundamental e Ensino Médio, os estudantes estão sendo expostos a esse assunto, mesmo sendo massacrados com o mesmo conteúdo, os alunos não conseguem obter êxito no estudo em classe de palavras, o que não é exclusivo desta temática, e sim da grade curricular de Língua Portuguesa.

Pinilla (2009, p. 171), “classificar as palavras implica elaborar uma classificação sobre critérios formais (sem excluir da descrição a classificação semântica, mas separando-se nitidamente dela)” (apud Perini, 1997, pag. 314). Diante dessa afirmação fica evidente que para classificar as palavras é preciso considerar o aspecto sintático e morfológico, e, separadamente, os traços de significado.

Estudar classes das palavras é uma prática que remete a antiguidade, o estudo de Aristóteles baseado em verbo e partícula influenciou os estudos posteriores. A proposta de Dionísio da Trácia de divisão de classes em oito categorias (nome, verbo, conjunção, artigo, advérbio, preposição, pronome e particípio) serviu de base para a divisão de Varão para a língua latina. A Nomenclatura Gramatical Brasileira reconhece dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção, interjeição. A complicaçāo é que a definição de cada classe não aparece com as mesmas normas. Na maioria das vezes, as gramáticas e livros didáticos utilizam apenas o critério semântico, com explicações incompletas que precisam ser revistas.

Pinilla resume as definições constatadas em gramáticas e livros didáticos utilizados em grande parte de escolas O que predomina no quadro são definições que valorizam o critério semântico, alguns casos raros utilizam o aspecto funcional, mórfico e semântico. O substantivo e o numeral são definidos levando o critério semântico, o verbo, critérios mórfico e semântico, já o artigo conseguiu ser classificado baseado nos três critérios, mórfico, semântico e funcional. A interjeição é definida como palavra invariável que exprime sentimento.

O linguista brasileiro Mattoso Câmara (1970) considera três critérios para classificar os vocábulos formais de uma língua: o critério semântico (significado do ponto de vista biosocial que se incorpora na língua); o critério formal (baseado nas propriedades da forma gramatical) e o funcional (diz respeito sobre o papel que cabe ao vocábulo na oração).

Para Câmara Jr, o critério semântico não deve ser observado sozinho, como acontece na maioria das gramáticas tradicionais, o sentido não é um conceito independente. Ele está ligado à forma de maneira tão estreita que não seria possível distinguir nomes de verbos utilizando apenas o critério semântico, juntamente, com o critério mórfico haveria uma solução. Esse critério “compósito” parece ser o fundamento primário da classificação dos vocábulos formais em português. Assim, os nomes representam “coisas” ou seres (aspecto semântico) e apresentam gênero e número (aspecto mórfico), os verbos representam processos (aspecto semântico) e se flexionam em modo e tempo (aspecto mórfico). O critério semântico somado ao mórfico é usado para classificar os pronomes, que possuem caráter díctico. Os pronomes localizam o ser no espaço (aspecto semântico), apresentam categorias de pessoa gramatical, de casos e o gênero neutro (léxico) e não aspecto mórfico.

Com base nisso, Câmara Jr propõe a divisão das classes de palavras em nomes, verbos e pronomes. Nomes e pronomes se subdividem em substantivo, adjetivo e advérbio, essa classificação vem do ponto de vista funcional. Pinilla (2009, p. 174):

Há a função de substantivo, que é a do nome ou pronome tratado como centro de uma expressão, ou ‘termo determinado’ [...]. E há a função de adjetivo, em que o nome ou pronome é o ‘termo determinante’ e modifica um nome substantivo ou tratado como determinado. [...] Um terceiro conceito tradicional, de natureza funcional também é o advérbio. Trata-se de um nome, ou pronome, que serve de determinante a um verbo: fala eloquentemente, fala aqui. (apud Câmara 1970, pag. 79).

O autor propõe uma classificação de vocábulos segundo seus três critérios: o critério morfossemântico compreende o nome, que são substantivo, adjetivo e advérbio (critério funcional); o verbo é classificado dentro do critério morfossemântico, o pronome também, que são nome, adjetivo e advérbio (critério funcional).

Por fim, a classe dos conectivos é definida como formas constituídas apenas por morfemas gramaticais, que tem por função estabelecer conexões entre dois ou mais termos. Diversos autores vêm publicando trabalhos sobre classe de palavras. Dentre eles, Neves (1990) acredita que as palavras isoladas assumem autonomia e deixam de fazer de um sistema integrado, com funções complementares entre si.

Baseado em um estudo das classes de palavras para o ensino médio, no livro didático *Encontro com a linguagem*, de Oliveira et al (1977), Pinilla apresenta uma proposta de classificação com base nos três critérios de Câmara Jr : o semântico, o funcional e o mórfico (quadro 4). Nele fica claro a

possibilidade de definir cada classe empregando os três critérios já mencionados, o quadro não conta com a presença da interjeição, apesar de ser considerada como uma das classes de palavras pela NGB.

D' Ávila (1997), em *Gramática da língua portuguesa: uso e abuso* apresenta sua proposta de classificação, levando em conta forma e sentido e função da palavra na frase, seu quadro- resumo é desenvolvido com uma linguagem clara e simples para os alunos.

O consenso que existe entre os gramáticos sobre como é importante considerar os aspectos morfológicos, funcionais e semânticos para a definição das classes de palavras. O que de fato se encontra em gramáticas e livros são definições de natureza semântica, para definir uma classe de palavras é necessário usar critérios funcionais, saber o papel que o vocábulo exerce dentro da sentença. O substantivo, do ponto de vista funcional, funciona como núcleo de um sintagma nominal e pode ser acompanhado de determinantes e modificadores, que junto de outros vocábulos formam uma unidade maior, a oração. A unidade sintagmática se organiza em torno de um núcleo, que pode ser um sintagma nominal ou sintagma verbal.

Para Pinilla (2002, p. 180) o grande problema das gramáticas e livros didáticos é a mistura de critérios para definição das classes de palavras, o que, consequentemente, prejudica o entendimento de diferenças entre as classes entre si.

Todos os critérios (funcional, mórfico, semântico) são importantes para definir cada classe de palavra, priorizar algum dos critérios é limitar e omitir informações importantes para os alunos, o que causa dificuldades extremas nas aulas de português. Juntos os três critérios conseguem estabelecer as diferenças entre classes de palavras.

De acordo com a experiência da autora ao longo dos anos com professores de ensino fundamental, médio e no encontro com docentes de escolas públicas, dos estados do Rio de Janeiro e Tocantins, em cursos de capacitação, Pinilla comprova que é preciso repensar as escolhas dos materiais didáticos usados para o estudo das classes das palavras para ter um ensino produtivo nas aulas de Português.

A importância do contato com outros profissionais das Letras para obtenção de um trabalho integrado, que relate o estudo das classes das palavras com o texto, é essencial para uma evolução nos moldes tradicionais que desconectam a gramática com a produção escrita.

Sem negar a necessidade de trabalhar sob uma perspectiva descritiva, é preciso ter em mente que um ensino mais produtivo da língua está vinculado ao conhecimento de como cada classe atua na organização de produção de textos. O maior domínio das inúmeras possibilidades de expressão que a língua oferece é o objetivo de todo professor de língua portuguesa. Sob esse ponto de vista, o estudo das classes deveria contribuir para ampliar a expressão oral e escrita do aluno, permitindo-lhe explorar,

com mais expressividade, as possibilidades combinatórias das palavras na construção do texto. (2002, p. 181)

5. Linguística, gramática e aprendizagem ativa

Linguística, gramática e aprendizagem ativa, de Eloisa Pilati, aborda reflexões feitas sobre o ensino de língua portuguesa em sala de aula, tem o objetivo de “mostrar de que forma os conhecimentos linguísticos podem ser usados como fundamentos teóricos norteadores da prática docente (...), aliar tais conhecimentos a uma metodologia que se preocupe em promover o aprendizado ativo dos estudantes”.

De acordo com a teoria gerativista, a língua é uma característica genética dos seres humanos, ou seja, já nascemos com uma predisposição para assimilar qualquer língua da forma mais natural possível.

Na visão de Humboldt, a aquisição da linguagem é em grande parte uma questão de maturação de uma capacidade linguística inata. A maturação é guiada por fatores internos, por uma forma da língua inata, que se aguça, se diferencia e adquire sua manifestação específica através da experiência. A língua é, pois, uma espécie de estrutura latente na mente humana, que se desenvolve e se fixa pela exposição à experiência linguística específica. (CHOMSKY, 1970, p.30)

Partindo desses pressupostos, não devemos enxergar os alunos nas aulas de língua portuguesa como indivíduos que não sabem sua língua materna, quando naturalmente ela foi adquirida através de um aparato mental linguístico inato, o que os alunos julgam não terem conhecimento, é sobre as regras gramaticais do português impostas pela sociedade.

Para explicar, detalhadamente, os conceitos criados por Chomsky da Faculdade da Linguagem e Gramática Universal, Pilati clarifica:

Há um “órgão” ou um módulo específico para a linguagem: a Faculdade da Linguagem. Os mecanismos que compõem a Faculdade da Linguagem são geneticamente determinados e fazem parte, portanto, da dotação biológica dos seres humanos. Por possuírem essa Faculdade da Linguagem, os seres humanos são dotados de uma Gramática Universal, que é o estado inicial de sua língua. Esse estado inicial irá se modificar, devido ao efeito deflagrador e modelador da experiência, bem como devido aos processos de amadurecimento internamente determinados, e irá se estabilizar num determinado momento. (PILATI, 2017, P.51)

Segundo Chomsky, as línguas humanas seguem princípios e parâmetros. Os princípios são características presentes em todas as línguas, e os parâmetros, valores específicos de cada uma, desse modo, variáveis. Para Pilati (2017, p.52) “uma língua é o resultado da união de

fatores genéticos, uma predisposição característica da espécie, e de fatores, do meio ambiente, ou seja, os dados a que a criança é exposta durante a infância”.

A criança consegue entender através de pequenos dados de sua língua o que é aceitável e o que não é, de modo ideal. Com isso, a criança não faz construções linguísticas que não estão dentro dos parâmetros que sua língua apresenta, denotando que o indivíduo não exterioriza esse comportamento seguindo instruções de sua mãe, por exemplo. É uma realização independente da inteligência.

Pilati acredita que as aulas de gramática podem partir de uma metodologia de aprendizagem ativa, baseada numa abordagem gerativista as aulas devem promover a reflexão do que o aluno já sabe sobre sua língua. O professor deve guiar os estudantes para a tomada de consciência do sistema linguístico. Nesse momento, eles poderão compreender a língua como um sistema formado por fenômenos e entender como funcionam.

A autora defende que os conhecimentos gramaticais não devem ser desvinculados de outras áreas, como a leitura, interpretação, produção de textos e situações de uso. Para explicar o motivo das reflexões gramaticais não fazerem parte das aulas de língua portuguesa hoje em dia, Pilati recorre à outra autora, Magda Soares e seu artigo sobre *Alfabetização e letramento: as múltiplas facetas* (2004), ela aponta que o processo de alfabetização passou a ser visto como algo menos importante diante das questões de letramento. De acordo com Pilati, o mesmo aconteceu com o ensino de gramática, leitura e produção de textos, ou seja, o primeiro decaiu, enquanto o segundo obteve ascensão. Esse “movimento” aconteceu por conta de críticas feitas ao modo como a gramática era ensinada nas escolas e as teorias sociointeracionistas que estavam emergindo.

A reflexão gramatical é uma ferramenta importante para o desenvolvimento de produções textuais, Pilati acredita que através dela o produtor de texto irá “expressar suas ideias, organizar argumentações, escolher formas de expressar pensamentos”. (2017, p. 93) e sem a aula de gramática “perdemos a oportunidade de apresentar a nossos alunos a ferramenta crucial para a leitura e produção autônomas e críticas”. (2017, p.83)

Para que tais ações aconteçam é evidente que o conceito de gramática e da metodologia aplicada seja reformulado. Quando enxergamos a gramática numa perspectiva dinâmica e interna do ser humano, podemos contribuir para um desenvolvimento de habilidades de expressão oral e escrita.

Pilati defende a diferenciação de métodos, o ensino versus o aprendizado. Apoiada em Cagliari, ele observa que o método do ensino enxerga o estudante como uma tábula rasa, onde

seu conhecimento é tido como zero, o professor planeja suas aulas do ano escolar sem ter em mente o conhecimento prévio dos alunos, essa postura demonstra que há uma relação de dominação dentro do aprender. Dessa forma, os estudantes apenas estão decorando e repetindo modelos, sem garantia de aprendizagem. O estudante pode acertar questões impostas sobre o que foi “ensinado”, mas não há segurança de que ele compreenda o porquê daquilo, visto que não há reflexão.

Vemos que esse método pode se encaixar claramente na maioria das aulas de gramática, onde o discente decora conceitos sem debater e tem que aplicá-los em provas escolares ou para o vestibular, não vendo relação do que foi “ensinado” com situações de uso. No método do aprender, o aluno não chega à sala de aula sabendo nada, ele é visto como alguém com conhecimentos válidos, a verdadeira aprendizagem remete ao aluno independência e construção do próprio saber, através da reflexão crítica e autonomia. O professor nessa jornada será um mediador e não o detentor do conhecimento.

Segundo Pilati

Para podermos renovar o ensino de língua portuguesa e de gramática, temos de dar ênfase ao estudo de métodos de ensino. Devemos dar sentido às aprendizagens de nossos alunos, usando como ponto de partida seu conhecimento linguístico tácito. Para tanto, é importante que nessas aulas os alunos realizem tarefas ou enfrentem situações que mobilizem os conhecimentos adquiridos, sejam capazes de usar diferentes técnicas e métodos, saibam usar o vocabulário adequado na situação adequada, saibam redigir dentro das normas e construir textos coerentes. (PILATI, 2017. p.101)

5.1 Princípios da metodologia da aprendizagem linguística ativa

Pilati apresenta princípios da aprendizagem conforme Bransford et al (2007) aplicando os fundamentos ao ensino de gramática. Os princípios são: levar em consideração o conhecimento prévio do aluno; desenvolver o conhecimento profundo dos fenômenos estudados; promover a aprendizagem ativa por meio do desenvolvimento de habilidades metacognitivas.

I- Levar em consideração o conhecimento prévio do aluno deve ser visto a partir de dois sentidos

O primeiro trata do conhecimento linguístico inato e complexo. Na Educação Básica, os alunos dominam sua língua com maestria e já possuem conhecimento extenso. Entretanto, eles não têm consciência de que dominam a língua por conta de crenças que pregam que a maioria da população não sabe português. É significativo estimular o conhecimento linguístico explícito.

O segundo sentido diz respeito ao conhecimento linguístico pedagógico, o professor deve saber o que o aluno aprendeu nas séries passadas. Partindo daí, ele poderá auxiliar o aluno a desenvolver suas competências. Para que isso ocorra, é aconselhável que o professor faça testes diagnósticos para determinar o conhecimento prévio de cada um.

Nessa fase é importante explicitar para os estudantes o funcionamento da língua humana para que entendam os objetivos das aulas de português e consigam compreender os processos linguísticos visando à reflexão linguística.

II- Desenvolver o conhecimento profundo dos fenômenos estudados

Os alunos devem ser ensinados a ver a língua de modo semelhante à dos linguistas. Para que eles aprendam de maneira ativa os fenômenos linguísticos, precisam possuir uma base sólida de conhecimento factual; entender os fatos e as ideias dentro do arcabouço conceitual e organizar o conhecimento a fim de facilitar sua recuperação e aplicação; usar a metacognição, isso significa ter controle de sua própria aprendizagem, monitorando o seu progresso. Para “entender os fatos e as ideias dentro do arcabouço conceitual e organizar o conhecimento a fim de facilitar sua recuperação e aplicação”, devem ser visadas atividades que promovam: identificação de padrões; desenvolvimento profundo do assunto; aprender onde e por que usar determinado conhecimento.

Em relação ao ensino de gramática, Pilati considera que

[...] considero ser fundamental importância que o estudante comprehenda o funcionamento de sua língua, comprehenda minimamente os padrões básicos do sistema linguístico que ele já domina inconscientemente para que possa usar de forma consciente os padrões linguísticos de sua língua nas atividades de leitura e produção de textos. (PILATI, 2017,p.107)

- a) Identificar padrões retrata aprender a manipular os padrões básicos do português, como: ordem das palavras, formação de orações, seleção argumental e concordância verbal.
- b) Para desenvolver uma compreensão do assunto é necessária aplicação de conceitos corretos dos processos linguísticos juntamente com uma metodologia viável para a reflexão linguística. Apresentando aos alunos fatos linguísticos de forma crescente, e não de forma superficial.
- c) Aprender onde e por que usar determinado conhecimento sugere que entendendo o funcionamento dos processos gramaticais essenciais, os alunos

utilizem suas competências para elaborar textos, leitura crítica, revisão e análise de textos. Compreendendo a estrutura sintagmática terão consciência de suas produções textuais e podem desenvolver sua autonomia na aprendizagem.

III- Promover a aprendizagem ativa por meio do desenvolvimento de habilidades metacognitivas

A aprendizagem ativa em sala de aula precisa que aconteça com momentos de criação do sentido, reflexão sobre o que funciona e o que deve ser melhorado no caminho para a aprendizagem, ou seja, o aluno deve ser autônomo em sua caminhada. Deve ser protagonista em sua criação linguística e produção textual.

6. Atividade aprendizagem ativa sobre classes de palavras

1. Avaliação do conhecimento prévio dos alunos

bola	bonita	rosa
beijo	planeta	cansado
dia	frio	nublado
pé	doce	caneta
cadeira	pintura	livro

- Apenas observando as palavras do quadro acima, é possível distinguir quais delas são substantivos e quais são adjetivos?
- Quais são as características mórficas semelhantes entre essas duas classes?

2. Experiências de descoberta e de reflexão linguística

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim **calmo**, assim **triste**, assim **magro**,
Nem estes olhos tão **vazios**,
Nem o lábio **amargo**.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão **paradas** e **frias** e **mortas**;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão **simples**, tão **certa**, tão **fácil**:
— Em que espelho ficou **perdida**
a minha face?

Cecília Meireles

Substantivo (núcleo)	Adjetivo (modificadores)
Rosto	Calmo, triste, magro
Olhos	Vazios
Lábio	Amargo
Mudança	Simples, certa, fácil
Face	Perdida

Nesse poema fica evidente a relação caracterizadora entre o núcleo e o seu modificador.

3. Organização das ideias encontradas

Os alunos devem perceber que existe uma diferença funcional entre substantivo e adjetivo e que ela deve ser notada quando eles estão combinados no sintagma, como no texto Retrato, que foi apresentado anteriormente.

7. Considerações Finais

Desde os anos iniciais, quando o estudante começa a ter contato com o ensino formal de língua portuguesa na escola, ele passa a ter familiaridade com a classificação dos vocábulos. No decorrer da vida escolar, cada aluno será exposto aos conceitos de substantivos, adjetivos, pronomes, verbos, advérbios, artigos, numeral, pronomes, conjunções, preposições e interjeições. No final do ano letivo, qual será o real aprendizado obtido por este

indivíduo como falante do português? Temo que muito pouco, em grande parte das ocorrências, os alunos sentem que o conhecimento perpassado foi desnecessário e supérfluo, e que não terá utilidade na vida prática. Segundo Pilati:

O ensino de gramática, da forma como vem sendo praticado, não tem contribuído nem para a compreensão dos fenômenos gramaticais nem para formação de cidadãos confiantes em seu saber gramatical tácito e em sua capacidade de expressão linguística. Por isso, é necessário criar alternativas às formas tradicionais de levar a língua portuguesa às escolas brasileiras. (PILATI, 2017, p.15)

Tornam-se emergentes no ensino brasileiro de gramática novos métodos que consigam aliar o aprendizado de forma lúcida dentro de um conhecimento linguístico, que tenha como objetivo a melhoria de sua produção textual.

No âmbito do estudo de classes de palavras, Mattoso, em sua obra, salienta a primordialidade em empregar mais de um critério para categorizar cada classe de palavra, sabemos que estes critérios são utilizados de maneira inadequada e sem seguir padrões. Quando selecionados um ou mais critérios, espera-se que eles sejam adotados em todas as classes. Para Mattoso, a diferença da seleção de critérios em frente à ausência de fundamentos lógicos e sem objetivos determinados nas gramáticas tradicionais e livros didáticos é um grande problema.

Dentre as gramáticas analisadas, Bechara (2015), Cunha (2012) e o livro didático *360º Aprender e Praticar Gramática* (2016) notamos que estes não seguem uma metodologia precisa quando apresentam cada classe de palavra, ora principiando por um tipo de critério, ora por outro. Isto é uma particularidade das gramáticas tradicionais e livros didáticos, que é desaprovada por Perini. Este fez uma crítica sobre o ensino das classes de vocábulos:

Uma coisa que nos poderiam ter dito na escola (mas, em geral, não disseram) é para quê a gente precisa separar as palavras em classes. Ora, a razão é semelhante à que nos obriga a separar os animais em classes, ordens, espécies etc.: classificamos as palavras para podermos tratar delas com um mínimo de economia. (PERINI, 1997, p. 41).

8. Referências Bibliográficas

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38 ed. rev. ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CÂMARA Jr., J.M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

D'ÁVILA, S. **Gramática da língua portuguesa: uso e abuso.** São Paulo: Editora do Brasil, 1997.

FERREIRA, MAURO. **360º- Aprender e Praticar Gramática - Vol. Único.** Brasília: Ed. FTD, 2016.

NEVES, M.H DE M. **Gramática na escola.** São Paulo: Contexto, 1990.

OLIVEIRA, E.B.R. et al. **Encontro com a linguagem.** São Paulo: Ática, 1977.

PERINI, Mário. **Por uma nova gramática do português.** São Paulo: Ática, 1995.

PERINI, Mário. **Sofrendo a gramática.** São Paulo, Ática, 1997.

PILATI, Eloisa. **Linguística, gramática e aprendizagem ativa.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.